

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA



SUMMARIO. — Discurso da apresentação de um socio. — O seculo XIX. — O christianismo. — Poesias: Um encontro; Saudades, a meu irmão. — Chronica.

Discurso

Lido na Sociedade Phenix Litteraria por Tito Amaral, quando apresentado como socio da mesma

SENHOR PRESIDENTE, MEUS SENHORES.

E' do alto desta tribuna, a primeira cujos degraos galgo em minha obscura vida, que eu meço minha pequenez intellectual, que eu avalio de sua inutilidade, que eu pasmo de sua fraqueza; é cercado por um auditorio a quem conheço e de quem sou desconhecido, a quem admiro e para quem sou indifferente, a quem não altero e que me abala, que eu choro a pobreza dos minguados recursos de minha desbotada intelligencia, que eu lastimo a escassez de meu pequeno saber, que eu lamento, enfim, a falta de pensamentos su-

blimes, de palavra fácil, de presença sympathica, dos requisitos, em summa, condignos á apreciação dos que me ouvem.

O viajor atrevido penetra nos escondrijos de pavorosa caverna, perscruta os sons perdidos de mysteriosa gruta, sonda o abysmo de profundos pélagos, affronta as iras de procellosas tempestades, anda com as sombras de tenebrosa noite, zomba do escuro denso dos enredados labyrinthos de cerradas mattas, ri de seus phantasmas aereos, de suas appareições aterradoras, da luz fatua de seus pyrilampos, do pio lugubre de suas aves nocturnas, e a tudo isto se mostra sobranceiro, a tudo encara com calmo desdém, a tudo se acha superior! Elle se envergonharia, mesmo em pensar, de lançar mão do ferro que traz á cintura, ante o mais terrivel dos perigos; sua intrepidez se sentiria dobrar, seu animo se sentiria enfraquecer, sua attivez se sentiria humilhar, se, mesmo em pensamento, sua alma o fizesse pequeno, em presença da mais medonha, da mais negra, da mais critica situação!

No entanto, Senhores, quando seus olhos só veem a immensidão, quando seus ouvidos só escutam o silencio, quando seu espirito só attinge o infinito, quando sua alma se acha só, na terra, ante o céu; nestes momentos sublimes em que o homem, prêza de um ser intelligente e invisivel, que é o seu eu, indaga de onde veio, aonde está, para onde vai; nestes instantes grandiosos em que elle, diante do firmamento immenso, do espaço infinito, dos astros innumeros, do mar insondavel, da criação magestosa, procura, busca e chama pelo Autor de tantas e tão grandes maravilhas; nesta bella e imponente attitude, enfim, o viajor se julga cego — porque não se vê, se julga mudo — porque não falla, se julga pequeno — porque não se sente.

E' o que se dá commigo neste momento.

Vejo, no conjunto que formais, um gigante, — e, mesquinho, me desapareço; ouço, no vosso silencio, a fraqueza de minha voz, — e, mudo, me calo; sinto, no vosso contacto, a grandeza do pensamento, o brilho da intelligencia, a luz da idea, a eloquencia da palavra, e — este pensamento me foge, — este brilho me cega, — esta luz me queima, — esta eloquencia me falta. Sou um insecto no Andes, uma andorinha na immensidade, um grão de areia no Sahara, uma folha no oceano, uma restia de luz no sol. Sou um

novo Tântalo: dentro d'agua, — tenho sede; cercado de mangares, — tenho fome; e, com os labios resequidos, com as entranhas famintas, vejo a agua que se evapora, vejo os manjares que me fogem.

Deixai, pois, que este insecto zumba, que esta andorinha esvoace, que este grão de areia se mova, que esta folha deslize, que esta restia de luz bruxoleie, que este Tântalo se sacie. Quem vos falla não tem imagens, não tem elo-quencia: falta-lhe o pensamento, falta-lhe a palavra; é um neóphyto; quer se baptizar nas lutas da intelligencia; banhai-lhe a fronte com a luz das idéas; prestai-lhe alguns minutos de attenção, sede-lhe complacente, e elle vos será agradecido.

Senhores.

Deus plantou, no coração humano, o instincto de sociabilidade, de uma maneira tão palpavel que, quando mesmo quizessemos escurcel-o, nossa natureza se opporia a esta infracção, patenteando-o nos nossos menores actos. E' assim que, quando tributamoz amizade, gratidão, respeito ou outro qualquer sentimento nobre a alguém, sentimos uma grande satisfação, uma tendencia invencivel, em lhe dar a lêr o livro de nossa alma, em lhe mostrar todas as suas paginas, todos os seus periodos, todas as suas palavras, todas as suas letras, enfim. Somos, então, menos egoistas, não vivemos só para o eu; dividimos, até mesmo, as alter-nativas dos sentimentos que se despertam em nosso intimo, com aquelles que julgamos dignos de participal-as. Deste modo, se as alegrias teem menos força, por serem divididas, em compensação, as dôres são menos intensas, e mais longa pôde, então, ser a nossa jornada no caminho da vida, e mais brilhante será o nosso rasto neste caminho. □ _

Bem hajam, pois, aquelles que põem em acção este instincto, reunindo estes pequenos grupos, que são vastos campos de luta das faculdades intellectuaes, onde a luz que é luz, peleja com a ignorancia que é treva, aquella tendo por gladio — a palavra, esta tendo por arma — a inacção. E' nestes campos que se desenvolve a intelligencia, esta semente de luz plantada no cranio humano, sólo fecundo na producção de douradas espigas, cujos grãos são bem-vindos livros, com que a humanidade sacia sua sede de saber.

Senhores, esta Sociedade, pequena como é, traduz uma luta digna, transpira sentimentos nobres, revela corações que sentem, almas que aspiram; esta Sociedade é a arvore frondosa, que, sugando pelas radiculas a seiva nova e sã dos arbustos de um mesmo sitio, se ostenta possante de vida e de viço, constituindo, pouco a pouco, o rijo tronco, que fará parte do ligeiro batel, mensageiro da civilização aos nossos vindouros; esta Sociedade é uma ridente aurora, alvicaireira de um dia limpidio, brilhante, cheio de luz, cheio de vida. A tarde deste dia — será mais esplendida, mais pomposa do que o seu alvorecer; o seu crepusculo — terá mais encantos, será mais rico de galas do que seu meio-dia, porque o sol da vida, que se apaga com a noite do tumulto, é requesado da aurora deslumbrante da immortalidade, que se accende com os seculos.

Eu saúdo, de coração, á Sociedade Phenix Litteraria; eu, romeiro fraco, da margem da estrada espinhosa porque trilhaes, elevo um brado de triumpho a vós, que, a braços com as difficuldades que sóem nos apparecer na estrêa da vida, não vos acobardastes ante ellas, e, crentes, persistis no empenho de adquirir e de diffundir a luz da intelligencia, que é a luz da razão, da verdade, da justiça, do bom e do perfeito.

Trilhando o caminho da gloria, trilhaiis tambem o caminho da felicidade, porque o caminho que vai á gloria é o caminho do trabalho, e o caminho do trabalho é a senda da felicidade. O homem é tanto mais feliz, quanto mais trabalho util dá a seu espirito, porque, então, distraido de face negra da vida, que é um Jano, apenas vê sua face brilhante, e, em vez de aborrecel-a, a preza e a estima. E', pois, do trabalho que lhe vem a felicidade e a felicidade de seus semelhantes. Sim... a felicidade de seus semelhantes, porque a luta do homem contra os obstaculos que as circumstancias antepõem a seu caminho, quando elle busca o seu bem estar lançando mão dos meios que prescreve a probidade, é a mais poderosa alavanca, tanto para a educação ou progresso individual, como para a civilização ou progresso da humanidade.

Esta luta, seja qual fôr, se traduz em trabalho; e o trabalho, esta lei divina tão util ao homem quanto necessaria á vida; esta virtude sublime, que eleva o fraco á altura do

potentado que o opprime, que faz do escravo — senhor, do ignorante — sabio, do mendigo — Crésus, do ladrão — sentinella, do assassino — defensor, da gilhotina — arado, da espada — foice, do corrasco — lavrador, do vicio — decóro, finalmente do crime — virtude; esta vara magica, que transforma hospitaes — em officinas, carcerees — em escolas, conventos — em templos, lupanares — em lares domesticos, guerras — em theatros, duellos — em abraços, finalmente, lagrimas — em risos, e dóres — em gozos; o trabalho, esta entidade eminente e benéfica, é o carro poderosso do Progresso que, puxado pela humanidade e tendo no seu dorso a civilisação, triumphante vâa em busca da perfectibilidade humana.

Rio, 9 de Agosto de 1878.

(Continúa.)

O seculo XIX

Quando o homem, avido de conhecer o futuro, procura, na vasta escuridão dos seculos que foram, comparar a evolução da humanidade sob os diversos regimens de cada época, uma consequencia resulta: *a humanidade marcha.*

Para aonde? Ninguém o sabe.

A velocidade variavel de que se anima a humanidade nessa trajectoria mathematica de Littré nos assusta: ora vacillante, aterrorisada no meio do desvario geral, e abalada pelo prurito de conquista de massas moveis, que errantes passam por sobre o tumulto, que lhe parecia destinado, dormita ruminando e homogenizando os elementos, que constituirão bases de uma nova phase; ora, elaborados os elementos predispostos, avança com um passo gigante, arrancando dos céos o segredo e atirando-o à face do mundo.

O século XIX é a meta actual dessa marcha ascendente ; é o século portentoso cujas descobertas e invenções industriaes e scientificas fazem crêr na possibilidade de surgir um homem da retorta de um chimico ; mas o século XIX não é o completo da elaboração scientifica iniciada por Thales e Pythagoras, porque isto importa estacar a humanidade no ponto em que sua velocidade é maxima. Esse desenvolvimento material é a consequencia logica desse methodo, cuja primeira pagina Bacon escreveu, e cujo alcance Conte comprehenderá ; e verificação da lei do desenvolvimento progressivo pela transformação de elementos não sanciona a perfectibilidade humana. O século XIX, o século da industria, parece suspender o movimento espontaneo das bellas artes ; parece baixar o nivel moral das sociedades.

E' uma consequencia da industria egoista que transforma a vida em commercio baixo e interesseiro, cuja base, o dinheiro, sacrifica a honra à opulencia, a probidade à vaidade, e protege, pelo falso desenvolvimento de forças puramente mecanicas, o vicio hediondo que carcome e medra no seio das sociedades ; as bellas artes, essas ondinas que enlevam a vida suavizando os pezares e corrigindo os defeitos humanos, estacam e param diante o falso positivismo que, carrancudo, se espreita sobranceiro ameaçando suas fontes essencialmente metaphysicas. As sciencias moraes occultam debaixo de um falso desenvolvimento uma grave lacuna, qual a grande questão da moralidade social. E quando os sabios reverentes curvam-se diante de um poder que não conhecem, e que respeitam, a mocidade actual apostata o verdadeiro progresso, gloriosa pelo triumpho de um falso positivismo qual nunca concebera Conte. O século XIX sanciona o facto de estar a moralidade em razão inversa da civilisação, entendida como vulgarmente se entende, e faz crer que as bellas artes nunca terão o desenvolvimento que lhes assigna Conte na phase positiva.

A philosophia positiva, a arca santa que salvava do naufragio as sciencias firmando as suas bases, tem um desenvolvimento prematuro ; e suas más interpretação e applicação podem condemnar-a, como succede ao christianismo. E' que nas epochas de transição o conveniente tem caracter de verdade ; e todo século que demarca progresso visivel é uma

epoca de transição para a humanidade que procura attingir a perfectibilidade unica epoca, que será permanente.

O seculo XIX para o Brasil, a aguiá domestica odiosa a gaviões altivos, é verdadeiramente um seculo da transição, como já o dissera um escriptor ; e d'ahi, a particularidade, que lhe cabe, de viver emmaranhado entre leis contradictorias, cuja força obrigatoria é portanto nulla ; a moralidade social e individual é o phantasma negro cujo contacto assusta a mocidade, avida de um progresso irreflectido tão seductor quanto anarchico. E' que a luz mui forte, cega ; e aquelles que não comprehendem com Victor Hugo que *as sciencias são asymptotas da verdade*, arrojam-se impotentes, estribados na razão humana, que é fragil, porque o homem é contingente, a investigação do real e util, o material, desprezando o que no homem é essencialmente caracteristico, o espirital, a cuja rectidão, qualquer que seja sua origem, se deve o verdadeiro progresso.

O desenvolvimento puramente material petrifica o homem e as bellas artes, essas, cujo desenvolvimento é necessario para que haja progresso, atrophiasdas succumbem perante a falta de um ideal, que satisfaga e sensibilise a homens, cujo poder reside na ambigão, cuja vontade é erguer um throno para si por sobre as ruinas de outrem.

E tudo isto emanará de uma philosophia dominante ? Não. As philosophias, qualquer que seja o seu character, prendem-se por um elo fortissimo e são complementares ; e o systema, utopia de hoje, é a realidade pratica amanhã : impulsos para a marcha da humanidade, as philosophias dominam em certa epocha e desaparecem, deixando o traço indelevel, que as caracteriza, transformadas com a evolução social, pois são creações do homem e portanto transitorias.

O desequilibrio entre os progressos dos elementos que constituem a trindade humana, o physico, o moral e o espirital, é, quanto a mim, uma causa de decadencia que se manifesta ao longe no meio das mais bem fundadas esperanças, e prematura será por falta de energia d'aquelles que devem desvendar os olhos dos cegos voluntarios, que, vampiros doidos, sorvem essencias, e vão ao lupanar mendigar uma crença, uma religião, um dever.

A. S.

18 de Agosto.

O Christianismo e a Civilisação.

A defesa do Christianismo, cujos principios reconhecemos como partes integrantes de nosso ser, particulas de nosso coração, moleculas de nossa alma, se assim nos podemos expressar, é, para nós, um dever sagrado, tem o valor do *serua te ipsum*, é uma questão de vida ou morte.

Arrancai de nós estes principios, e nos tereis reduzido a um conjuncto de materia inerte.

Eis porque ousamos comparecer, na imprensa, entre talentos robustos, perante os quaes só nos competia ouvir e calar.

Por este começo não se vá julgar que somos fanatico; amamos e seguimos de coração os preceitos da philosophia e moral christã, mas quem nos conhece bem sabe nossa maneira livre de pensar.

Apreciamos tambem a philosophia positiva, mas divergimos de alguns positivistas, que brillantemente têm se apresentado na tribuna da *Phœnix Litteraria*, por nos parecer que nenhum antagonismo existe entre esta philosophia e o Christianismo.

Talvez provenha esta divergencia do pouco conhecimento que temos daquella philosophia; por isso nos declaramos, por emquanto, positivista somente no campo das sciencias experimentaes e mathematicas.

Entremos em materia, e principiemos definindo o Christianismo e a civilisação.

Para isso penetremos por alguns momentos no reino da phantasia, nas regiões do ideal. Contemplemos o mundo, este deserto grande, extenso, interminavel; e a humanidade, viajor incansavel, novo Ashavero, a percorrel-o sem cessar: Marcha! Caminha sempre, e o deserto não se acaba! A vista, por mais que alcance, só depara com o tremendo areal, enorme, inconmensuravel, espreado-se ao infinito! E o sol dardeja abrazador; a terra queima: é um chão de brazas!

E o grande viajor não pára: é infatigavel! Ouve um bramido horrendo, um estrondo aterrador: é o pampeiro

indomável, é o simun que passa, assolando, devastando, açoitando os areaes ! O grande viajor avança ainda ! Lança os olhos pelo espaço infinito, percorre os horizontes, e nem uma miragem entrevê, uma esperança se quer ! Em torno de si— o turbilhão, a luta dos elementos, um mar enraivecido, um oceano a esbravejar !

As ondas são d'areia, são montanhas que se embatem ! Aqui, alli, além, mil trombas se erguem e elevam nuvens de pó : é uma luta titanica !

E a sede a fustigar-o ! E o grande viajor avança sempre !

Mas, enfraquecido, extenuado cahe por terra, tendo n'alma— o desespero, nos labios— a maldição !

Tem sede, sede horrivel : o deserto não tem agua ! Onde encontrá-la ?

Para que lado dirigir-se ?

E' uma tortura atroz !...

Eis que ao longe, lá para as bandas do Oriente, como por encanto, por milagre, surge um Cordeiro no deserto, d'entre os areaes, e dirige-se para o Occidente.

Levanta-te ! Eis o rumo, viajor : acompanha o Cordeiro immaculado, e encontrarás uma fonte crystalina.

E o grande viajor põe-se a caminho ! A esperança lhe dá forças, elle marcha e marcha sempre !

Para onde vae ?

Para a miragem que vê além, para o futuro, para a perfectibilidade !

E' a esta marcha incessante da humanidade para o aperfeiçoamento, que se chama civilisação.

Este movimento constitue o progresso, e o progresso é triplice :

Progride o homem physicamente, aperfeiçoando seu corpo e sua saúde, augmentando suas forças, e estendendo seu dominio sobre o mundo physico ; consegue o progresso intellectual, augmentando e aperfeiçoando seus conhecimentos ; obtem, finalmente, o progresso moral, despendendo e aperfeiçoando seus sentimentos.

A's forças que produzem este triple movimento, veio juntar-se outra a que se deu o nome de Christianismo.

Christo foi o Cordeiro immaculado, que surgiu no deserto mostrando ao grande viajor o caminho do futuro.

Analysemos agora a natureza da força, observemos o estado do movimento na época de sua apparição, e vejamos se ella teve por effeito acceleral-o ou retardal-o.

Esta força — o Christianismo — é um corpo de doutrinas.

Entre as verdades que contém, poderemos citar : a liberdade, a igualdade, a fraternidade e a tolerancia entre os homens ; a caridade para com os afflictos e miseraveis ; o perdão para os arrependidos ; verdades estas reconhecidas por todos os povos e ainda não contestadas por nenhum philosopho.

Não indagaremos se foram ellas descobertas pelo Christo ou se a missão deste Reformador foi apenas coordenar-as : não entra isso em nossa discussão ; o que affirmamos é — que estes principios são partes componentes desta philosophia.

Tambem contém dogmas, adoptados por circumstancias de tempo e lugar ; não procuraemos justificar-os, porque já o foram, e cabalmente, pelo profundo sabio e eminente genio A. Comte.

A este conjuncto de verdades e dogmas, chamamos religião christã.

Separai agora as verdades e os dogmas, destacai completamente as verdades, reuni sómente estas, em um corpo de doutrina, e tereis o que chamamos philosophia christã.

Passemos agora ao estado do movimento, isto é, da civilisação, na época da apparição do Christianismo.

Volvamos aos tempos idos, penetremos nesta grande e vasta catacumba a que se chama historia, onde, não obstante a densa e tetrica escuridão, auxiliados pela lanterna magica, a que se dá o nome de sciencia, poderemos tudo vêr, examinar tudo.

Olhai ! Vêde alli — columnas gigantes, além — pyramides colossaes, acolá — mausoléos, por toda a parte — tumulos de povos.

Adiante está uma abobada ; communica com uma galeria ; a escuridão é mais espessa ! Não importa, penetremos, atrainosmol-a. Eis uma arcada ; dá para outra galeria. Avancemos, e assim de galeria em galeria, percorramos 19 : são os 19 seculos já passados, que se nos apresentam. Volvei a vossa lanterna para aquelle lado, observai aquelle tumulto : junto está um homem. E' moço, cheio de vida, olhar candido, phisionomia sympathica : seu todo inspira confiança.

Está na posição de quem medita, os braços cruzados e a cabeça pendida sobre o peito : pensa, e seu pensar é profundo ! Mas, ah ! Vêde !... Daquelle olhos, que derramam luz tão suave, também brotam duas lagrimas : chora. E por quem chora ? Quem está naquelle sepulchro ? Será sua querida mãe ? Algum ente adorado ?

Olhai ! Elle volve os olhos para o céu : implora. E por quem implora ?

Finalmente apontando para o tumulto, com voz forte e imponente brada : « Lazaro !... Lazaro, lezanta-te ! ».

A este brado augusto, toda a catacumba estremeceu. O echo repercutio além, e foi de galeria em galeria, de abobada em abobada, de mausoléu em mausoléu, de tumulto em tumulto !

Toda a terra tremeu ! A sepultura se abriu, e um cadaver se ergueu !

Pois bem, este Lazaro representa o povo antigo, já cadaver, podre e corrupto, que renascia á voz do Christo.

Reflecti bem sobre esta pagina da historia, e vêde o estado miseravel do povo de então.

O pai não reconhecia seu filho, e tinha sobre elle direito de vida e de morte !

O filho não respeitava seu pai, e o considerava como um algoz !

A mãe, esta entidade quasi divina, abandonava o fructo de suas entranhas, para entregar-se ás maiores orgias, á devassidões tão horripilantes, que nem imaginar se pôde !

Não havia laços que ligassem o homem ao homem, não havia direito, não havia justiça ! Só os ricos e poderosos tinham liberdade.... minto, não manchemos esta palavra santa, tinham a impunidade para os crimes mais atrozes !

E estes crimes eram tão grandes, que é hoje difficil conceber, e, ainda mais, acreditar em tamanha corrupção !

Havia uma classe de homens (pobres miseraveis ! eram os escravos nossos semelhantes, nossos iguaes !) considerada peor que o mais nojento reptil ! E estes martyres, por simples divertimento, por méro capricho de seus senhores, soffriam as maiores crueldades e as maiores torturas, crueldades e torturas taes que horrorisa, repugna e causa até calafrios a sua simples lembrança !

O escravo era atirado no circo para ser devorado pelas feras famintas e enraivecidas. Ia desarmado lutar com o leão, com o tigre, com a panthera, com o leopardo, com o elephante, e, se amedrontado corria de um para outro lado, procurando esquivar-se de golpes tão certos, tropeçava e cahia em tanques, onde o medonho crocodillo, com sua ferocidade caracteristica, em dois minutos o reduzia a mil pedaços !

A taes ferocidades era sujeito o escravo, sem ter a minima culpa, sem commetter a menor falta, só por divertimento de um publico baixo e vil, expectador a sangue frio e com prazer de scenas tão cruciantes, que não obstante arrancavam gargalhadas, em vez de lagrimas, daquelle auditorio avilhado !

Ainda não pára ahi, o horrivel ! O escravo estava sujeito a maiores tormentos ! Por um capricho, era envenenado, para que, em sua agonia dilacerante, nas mil contorções de seus membros, nas ancias de uma morte horrorosa e desesperada, viesse uma feiticeira ler e predizer a seu senhor, qualquer banalidade futura !

E todavia estes martyres eram o sustentaculo de seus algozes. Trabalhavam sem descanso, noite e dia, debaixo do azorrague, definhando de fome e de fadiga, para com o fructo de seu trabalho, de seu sangue e de suas lagrimas, sustentarem a prepotencia, o luxo desenfreado, a ociosidade desmedida, de seus iniquos malfaitores, que, considerando o trabalho como uma infamia, entregavam-se aos vicios mais degradantes.

E da mulher, meus Deus, o que era feito ? Esta obra prima da natureza, este esmero de Deus, o que era então ? Oh ! causa lastima ! E' incrivel ! Mas a historia o attesta. Era mais baixa e mais vil que o verme ignobil, mais perigosa que a vibora : era um charco immundo, um tremedal de vicios !

Eis o estado de Roma, então dominadora do mundo ; eis o estado do povo mais civilisado desses tempos ; eis o estado da civilisação, na época da appareição do Christianismo.

E todas estas calamidades desappareceram, e tudo isto mudou, desde que a voz do Christo se fez ouvir.

Daquelles corações putridos, fez elle vazos precisos, contendo essencias odoriferas ; alli, onde só havia vicios,

plantou a santa arvore da virtude, e, em vez de sentimentos ignobes, deu-lhes sentimentos nobres, puros e elevados. Declarou o escravo igual a seu senhor; deu aos homens a liberdade, ensinou-lhes os seus direitos e deveres reciprocos; pregou a tolerancia e a caridade; restabeleceu a familia ligando-a com laços de puro amor; elevou a mulher à cathegoria de anjo, e de seu coração fez o *sancta-sanctorum*, onde encerrou os mais delicados sentimentos e as mais preciosas virtudes; fez ver que o trabalho é uma virtude, uma necessidade, que é nobre e engrandece ao homem. Com estes principios, a humanidade marchou e progredio.

Entretanto, vós, mocidade a quem nos dirigimos, que tendes uma alma grande e generosa, um coração repleto de sentimentos elevados; que vos guiaes sempre pela senda da justiça; que buscaes a verdade até com sacrificios; que ergueis estatuas a todos os que tem trabalhado pela causa do Progresso; que estaeis sempre do lado do fraco contra o forte, e sempre promptos a proclamar os heróes, e a reverenciar os martyres; vos esqueceis do primeiro martyr da liberdade!

Sois ingrata, e muito ingrata, para com o Christo, que pagou com seu precioso sangue, o ter pregado uma moral tão pura!

Quanta injustiça!

E, para illudirdes a vossa propria consciencia, que vos acusa por tão feia ingratidão, buscaes argumentos frivolos, ora—negando ao Christo a auctoridade da doutrina que tem seu nome, ora—pondo em duvida até a sua existencia, como se um facto historico, e de época não mui remota, podesse ser tão facilmente contestado.

Por este rapido esbôço, ainda que mal delineado, fica patente o papel sublime do Christianismo no passado, e evidente que foi elle — a luz para o universo em trévas, o balsamo para todas as chagas.

Volvamos agora, do fundo da vasta catacumba, onde nos achamos, a seu ultimo compartimento — á época presente, e vejamos o que ali se passa.

Do alto daquellas celebres pyramides, tumulos dos Pharaões, contemplemos o universo. Vêde, bem junto a nós, deste lado, rojando pelo pó, um gigante se extorce: é o

Sahára agonisante nas convulções da morte. Escutae seu grito plangente, seu écho de dôr :

« Deus ! ó Deus ! onde estás que não respondes ?
Em que mundo, em qu'estrella tú t'escondes,
Embaçados nos céos ? »

Pois bem, este gigante é um Lazaro quasi à morte, é um povo que supplica.

Olhai agora para aquelle lado, prestae attenção ; mais dois brados reboam pelo espaço infindo : São mais dois gemidos que partem de dois outros mundos, são mais dois povos que imploram.

Quem são estes Lazaros, e o que pedem ?

E' a Azia adormecida á força de opio, pede um ether poderoso que a faça despertar ; é a Africa sequiosa, que pede agua ; é a Oceania involvida em trevas, que pede luz.

Suas queixas doloridas foram ouvidas por Deus.

Um Sol esplendido e augusto surgiu, por cima do Calvario, dissipando as trevas, derramando luz ; segue a mesma marcha do sol do espaço, vem do Oriente para o Occidente ; illuminou a Judéa, depois a Grecia, a Italia, a Hespanha, a França, a Europa inteira, atravessou o Atlantico, veio á America, está no Pacifico, e do Japão já se aprecia o seu crepusculo : vai romper a aurora para os povos da Azia.

Esperemos.

A voz augusta do Christo, partindo do Calvario, repercutio nos Alpes, dos Alpes nos Perinéos, dos Perinéos nos Andes ; ainda lhe falta percorrer um hemispherio inteiro ; será repercutida pelo Himalaya ; d'ahi irá aos Abyssintos e depois ao Atlas.

Este Sol ainda não terminou sua revolução diurna, não está finda, portanto, sua missão. Mesmo na parte do mundo que se diz — civilisada, ainda ha trevas a dissipar.

Dizei-me : No mundo civilisado não existe ainda miseria atroz, corrupção medonha, ignorancia profunda ?

A escravidão — dragão terrivel — já foi aniquilada ? A oppressão está abolida ? Já se tornou real a igualdade dos homens ? Não existem afflictos ?...

Se, pois, ainda ha corações sangrentos, como dispensar o balsamo ? !

Não, a missão do Christianismo não está finda.

A philosophia Christã nunca terminará seu papel, porque esta philosophia se compõe exclusivamente de verdades, e a verdade é eterna.

Em Agosto de 78.

J. FAUSTINO DA SILVA.

Um encontro (1)

EM MONTEVIDEO

*En la Plaza, outro dia,
quando o sol já s'escondia,
com ua nina m'encontrei ;
— pouco a pouco, disfarçando,
d'ella fui me approximando
e deste modo lhe fallei :*

*Onde vai, ó Senhorita,
a esta hora tão solita ;
com tamanh'anciedade ?
— Não receia algum bandido,
peralvilho, atrevido,
dos que abundam na cidade ?*

(1) Tento-se extraviado o original desta poesia, e querendo ultimamente recompol-a, não o consegui de modo completo, por já ter me esquecido de alguns versos.

Nesse estado foi ella ter ás mãos de uma illustre senhora fluminense, que addicionou-lhe as tres ultimas linhas da nona sextilha, assim como a decima. Achei-as tão naturaes e tão bem cabidas, que, com o maior prazer, as conservo : E' uma prova da estima que lhe consagro e do respeito que tributo ao seu talento ; e, ainda, o consorcio das nossas idéas.

Oh ! meu Deus ! como é galante !
como vai tão arrogante !
No trajar, que singeleza !
— Me responde, maravilha,
és acaso de *Sevilha*,
lá da patria da *belleza* ?

Nascest' em *Buenos Ayres*,
ou junto ao *Manzanares*,
em *Madrid* tão decantada ?
Em *Cadiz* ? Em *Tarragona* ?
Em *Xerez* ? Em *Barcellona* ?
Ou nas veigas de *Granada* ?

.
.

« Sou da patria de *Belgrano*
onde o povo é soberano,
e tem plena liberdade ;
— onde o clima é sempre ameno,
o céu limpo e sereno,
na *campanha* ou na cidade ;

Sou livre como as lufadas
do *pampeiro*, que agitadas
do *Prata* trás sempre as aguas ;
— Como as aves, como a neve
que só passa mui de leve
da *montanha* pelas *fragoas* ;

Como o rio caudaloso
a descer impetuoso
do cimo da *cordilheira* :
— Como o indio em quem s'estampa
essa vida lá do *pampa*
erradia, aventureira ! »

.
.

Se és tão livre como dizes,
poderemo' ser felizes
de Buenos-Ayres, ó filha...
— Escuta-me, não encubras
o setim das faces rubras
no rendado da *mantilha* :

Qu'és formosa — eu advinho
pela ponta do pésinho,
pelo talhe seductor ;
— por essa mão delicada,
como o jaspe tão nevada,
pelo andar encantador ;

Pelo perfume que exhalas,
pela doçura das fallas,
pela graça do trajar ;
— Enfim, a tua figura
diz mocidade e frescura
e m'incita a te adorar !

Não occultes na *mantilha*
a belleza que te brilha
do semblante no rubor ;
— Deixa que o estrangeiro,
peregrino brasileiro,
te contemple, linda flor !

Não occultes, eu te peço,
pois render-me já começo
aos teus meigos attrativos ;
— Não occultes — tira o véu,
crava em mim, anjo do céu,
teus olhares expressivos !

.
.

Porém qual ! Era tyranna !
— Com seus ares de sultana
nem sequer olhou p'ra mim !

E, veloz como a gazella,
No puedo— me disse ella,
da rua dobrando o fim !

E assim foi-se a Senhorita
qu'eu encontrara tão solita
e se mostrara recatada !
— Fui p'ra casa aborrecido,
seriamente arrependido
desta minha Quixotada !

Maio de 1870.

M. VALLADÃO.

Saudades

A MEU IRMÃO

Eu tenho saudades do tempo da infancia,
Da meiga fragancia
Que outr'ora libei ;
Eu tenho saudades das verdes campinas,
Das altas colinas
Que outr'ora visei.

Eu tenho saudades dos dias risonhos,
Dos placidos sonhos
Que outr'ora gozei ;
Das tardes fagueiras, das horas amenas,
Das noites serenas
Que outr'ora passei.

Eu tenho saudades d'aquelles brinquedos
Que sempre tão lédos
Me davam prazer ;

Da prece singella que as Ave-Marias,
Eu todos os dias
Devia fazer.

Eu tenho saudades de um ente extremoso,
De um pai carinhoso
Que o céu m'enviou;
Eu tenho saudades da mão carinhosa
Que sempre bondosa
Meu berço embalou.

Eu tenho saudades da simples cabana,
Da pobre choupana
Que vi ao nascer;
Eu tenho saudades do fluido terno
Que o seio materno
Me dava à beber.

Eu tenho saudades da patria encantada,
Da terra adorada
Do meu coração,
Dos campos, dos rios, das castas deidades,
Eu tenho saudades
De ti meu irmão.

Côrte, Dezembro de 1877.

T. PORTOCARRERO.

Chronica

Apanhamos á lapis os seguintes trechos do violento *speech* de um pessimista politico, homem tão intransigente quanto bilioso : « — Sim, meus senhores o que quer dizer eleição entre nós?... Nada mais que um insupportavel *brouhaha* entre a

turba das mediocridades assanhadas e o retrahimento de todos os homens honestos, sinceros, capazes.

(Pausa. Depois com força.) O que querem liberaes, o que querem conservadores?... Miolos de cera onde as ideias vão se amoldando na razão directa das ambições minúsculas!... Ideias de manteiga que se derretem ao menor calor da estufa orçamentaria!...

Quando em nossa terra surgem as ambições políticas, a consciencia, a honestidade e o criterio, friorentas e medrosas, vão se acocorar no mais obscuro escaninho, e se alguma sahir d'ahi é geralmente apupada! Quereis saber, oh! meus concidadãos, quereis saber o que deu-se hontem commigo na egreja de...? Dirigia-me tranquillamente e honradamente para depôr o meu voto na urna, quando vejo surgir à minha frente o voto livre, de cabeça acachaçada e encarapinhada, de navalha em punho, e prestes à passar-me o pé.... vergonha!! »

Nisto o fogoso orador molhou o palayra, e degingolou uma furibunda sorrite cuja deducção final veio a ser: — que todas as personalidades políticas militantes fazem parte de uma temível e mysteriosa quadrilha de sclerados para a qual só ha um castigo condigno — a força, a força, a força!...

Não é invenção nossa; excessivamente authenticico.

Recebemos a seguinte epistola, que estampamos complacientemente: « Illm. Sr. Chronista. Rogo à V. S. que, por meio de seu conceituado periodico, advogue um pouquinho os interesses dos habituais da 3ª ordem do Imperial theatro, com o fim de convencer o Sr. Ferrari de que deve numerar tambem os assentos paradisiacos. Realmente, Sr. chronista, as cousas como estão não podem continuar. □ □ □

Nas noites litteraes aquillo ali é litteralmente insupportavel; em pleno inverno transforma-se n'uma estufa. E' como sardinha em lata, Sr. chronista, é como sardinha em lata!... V. S. ha de concordar em como não pode haver maestro di vino nem virtuosì di cartello que consiga commover um diletante reduzido ao estado de bife e sem a menor autonomia individual. Pois é como é.

Não acha V. S. que é uma iniquidade o querer-se atochar n'aquelle 3º céo do entusiasmo à guiza de bacalhão em barrica, à nós, que sacrificamos as economias nos altares lyricos,

à nós que constituimos a mais *elevada alçada* no julgamento dos cantores?... Sem duvida que é uma injustiça.

Quer saber V. S. em que condição assisti eu a 1^a da Aida? Imagine um sujeito encarapitado na 3^a ordem de bancos, suando em bicas, em um equilíbrio tão grotesco quanto absurdo, dobrado de tal forma que o centro de gravidade estava quasi transportado para a cabeça!!

E além d'isso, oh! irrisão, ainda ter que curtir as chufas de um tal Sr. Effendi, um amollador unico em sua especie que a *Gazeta* admittio no seu rodapé para prejudicar-lhe os justos creditos!

Esse Effendi, eu deposito-o nas mãos de V. S. para d'elle fazer o uso que mais convier.

Acceitae os protestos, etc.

Um habitué.

Pedimos ao Sr. Ferrari que tenha contemplação com esses bons diabos e mande numerar os bancos; além das outras vantagens, tem a de evitar as vaiaes que nós outros, os numerados, chuchamos mui caladinhos, quando chegamos ao theatro mais cedo que deviamos. Quanto ao tal Effendi, que o gaiato nos entregou a discrição, consolem-se os do *paraíso em* sabendo que *em* o parecer de gente sensata, não vale a pena pensar *em* o que elle diz. Esse senhor, *em* o seu folhetim de 9 disse que Rossini era monotono (!!!) e *em* o de 23 atirou a mesma pecha a Bellini (!). Lembranças como estas não se commentam, registram-se apenas.

..

O *Jornal do Commercio* publica actualmente um primoroso romance do celebre author francez V. Cherbuliez, *O Pontapé*, obra prima de estylo e de observação, e que por isso mesmo tem causado tedio aos assignantes seccos e molhados, e à outros.

Mas esses têm larga pitança litteraria na secção de annuncios, nos *Rocamboles*, e nos sarapateis do Caipira; é de equidade que o jornal lembre-se tambem dos outros. Nós sabemos que os *aluga-se*, os *vende-se* e os *precisa-se* são as columnas seculares e indestructiveis que o levaram triumphante pelos fastos do jornalismo. Mas vá o jornal transformando os taverneiros em elemento de progresso, ou, para clarificar mais a metaphora, vá extrahindo dos *aluga-se*, *ven-*

de-se e precisa-se, abundante maná noticioso e litterario, para regalo da gente limpa e intelligente. Ahí é que está.

..

Sem o parecer, uma das melhores folhas da côrte é o *Diario do Rio*, assim como, sem o parecer, uma das peiores folhas da côrte é o *Cruzeiro*, o qual foi bem baptisado sob a razão social dos Srs. Vianna & Comp. Tal razão tal filho.

O que ultimamente tem sahido de mais notavel n'essa razão social são umas temiveis verrinas assignadas—Figaro. Dizemos isso tão somente por espirito de franqueza, comquanto saibamos que a franqueza nos afugenta as sympathias e que verdades ditas á queima-roupa são imperdoaveis.

Não importa, amamos mais a verdade do que a Platóão, e como os nossos juizos de nada valem, aproveitamos gostosamente da obscuridade para emittir opiniões livres e desembaraçadas de qualquer onus. E d'est'arte elogiaremos tambem sem reservas, como por exemplo á Bordonio Pinheiro (apezar de não termos nada com isso), á A. Agostini, o insigne artista, ao folhetinista musical do *Diario*, o qual vaé passando a perna nos Scudos consagrados e nos positivistas musicaes que se elevam á altura de um principio (Olá !); etc., etc., que virá com o ensejo.

..

O Sr. J. Serra, ao ler o folhetim em que Oscar d'Alva dá-lhe o diploma de —T. Gauthier, experimentou impressões variegadas e successivas, assim relatadas por uma testemunha ocular : 1º — desmesurado espanto e *estatetibilidade completa* ! 2º — começa á brincar-lhe um sorriso de ineffavel satisfação no canto dos labios, expande-se-lhe a physionomia, leva meia hora a olhar para o folhetim *chocando* sua gloria infusa.... 3º — brusco movimento, risadinha velada e astuciosa, e telegramma para Roma assim concebido : « Sim, maganão? Então achas? » 4º — A' noite. Gestação extremamente laboriosa de uma *Mlle. Maupin* que lhe confirme o baptismo, e traços para uns *Grotescos*.... 5º Despertar. Formidavel gargalhada, a qual lhe abala as entranhas e o tou-tico e as bochechas e o nariz e o cabello e os dedos dos pés... 6º e final. Hom'essa!!!

A mesma exclamação fez o Sr. Conselheiro Silveira Martins quando soube que tinha sido escolhido membro do Con-

gresso Litterario permanente, por indicação de um tal senhor que vê, ouve e conta, insultando Rousseau e a syntaxe.

..

O festejado autor das *Farpas* têm-nos mimoseado com alguns coruscantes folhetins, enviados de Paris. O *entrain*, a verve e a audacia de seu estylo, têm-lhe assegurado um incontestavel successo. Tal é o arremesso de sua phrase nas voltas dos pujantes periodos, que á todo o momento receiamos vê-lo desbarreirar, como um *bond* nas voltas de trilhos. Porém os trilhos são bem collocados, o cocheiro é perito e vae ali mais seguro que o diabo. Aquelle estylo é o desespero de muito folhetinista.... pum! que conhecemos.

Tal é a maneira porque elle sabe dizer as cousas, que se lhes desse para confectionar pilulas litterarias á consumo transatlantico, nós as engoliríamos mui galantemente.

Velleidade como qualquer outra.

No tempo em que o nosso espirito ainda era obtuso e avacado (com licença para o neologismo) arranjamos a seguinte definição para caracterisar-lhe o estylo:

« Enxurrada de phrases por onde navega estonteadamente esse barquinho de papel chamado — paradoxo. » Mas folgamos em dizer que modificou-se completamente o nosso juizo. Não ha duvida que elle joga com o paradoxo; mas quando um destes apparece, vem logo de ponto em branco; surge com tanta valentia e desembaraço, vem com um ar de mata-mouros tão decidido, que qualquer objecção suggerida pelo bom senso ou pela fria razão perde logo as estribeiras, e retira-se triste, desapontada, tosquçada, com ares de quem vae pentear macacos.

Além de que, para os escriptores verdadeiramente valiosos, os paradoxos não são mais que iriantes da verdade, que reverberações da ideia-mãe á scintillarem no rendilhado do estylo. Henrique Heine, o acclamado humorista, produziu grandes verdades sob a forma mais inverosimil que dar-se pôde. Na litteratura ligeira ha um problema de cuja solução depende o exito do escripto: produzir os mais gravitantes conceitos sob a forma mais airosa e graciosa. Stylo de chumbo só consegue é despertar o somno, e como estamos com receio que o leitor já o sinta sob as palpebras, por isso sumimo-nos discretamente pelos bastidores da esquerda,

e esperamos o proximo numero para apreciar o *chronista-tigre* que pula dos bastidores da direita.

U. D.

Já que nos chamaram à scena, aproveitemos esse minuto.

Acabamos de receber o 1º numero do periodico — *Direito e Letras* — revista da academia de S. Paulo.

E' talvez a melhor publicação desse genero no Brasil. A parte litteraria acha-se sob a direcção de Sr. Affonso Celso Junior, uma das mais genuinas organizações litterarias do nosso paiz. Também á elle querera a politica transviar? Cremos que ha de resistir-lhe, porque não é um aventureiro.

N'esse numero vêm bons artigos e magnificas poesias. Entre os artigos, porém, ha um — *Philosophia da Litteratura* — que revela no seu autor muito talento e vontade, mas que também revela ser elle completamente neophyto no templo da litteratura propriamente dita, da qual possui apenas as mais rudimentares noções. E para comprovar o que dizemos bastaria citá-lo no ponto em que attribue a Julio Verne a evolução litteraria moderna. O tal Julio Verne é uma verdadeira praga.

U.

—o qm v w—

Recebemos e agradecemos os seguintes jornaes : *Gazeta de Campinas* — *Monitor Campista* — *Monarchista* — *Echo Liberal* — *Revista Gabrielense* — *Revista Militar* — *Livramento* — *Caixeiro* — *Violeta* — *Mosaico Ouro Pretano* — *Colombo* — *Pedro II* — *Semanario* — *Echo Juvenil* — *Porvir* — *Cachoeira* — *Espirito Santense* — *Baependyano*.